ISSN: 2358-8829

ÁRVORE DOS SABERES: PRÁTICAS PEDAGÓGICAS ANTIRRACISTAS E FORMAÇÃO DOCENTE

Angela Maria Araújo Leite [1]

QUILOMBANDO A ESCOLA: RAÍZES ANCESTRAIS E FORMAÇÃO DOCENTE

Reconhecer as raízes africanas e afro-brasileiras no cotidiano escolar envolve questionar quais histórias são contadas, quais conhecimentos integram o currículo e como as crianças se percebem nas experiências de aprendizagem. Nos anos iniciais do Ensino Fundamental, essas questões atravessam a construção de vínculos, as relações de pertencimento e as formas de compreender as diferenças. A presença de narrativas, memórias e expressões culturais negras nas práticas pedagógicas constitui, nesse sentido, uma oportunidade de ampliar as referências das crianças e enfrentar representações que desvalorizam suas origens e experiências.

Uma educação antirracista pressupõe reconhecer as desigualdades raciais e assumir o compromisso pedagógico de enfrentá-las nas relações escolares, nos materiais didáticos e nas escolhas curriculares. Em diálogo com esse compromisso, a perspectiva decolonial convida a problematizar a hierarquização dos conhecimentos e a reconhecer os saberes produzidos por populações historicamente silenciadas. Na escola, essa aproximação requer escuta e interlocução com as comunidades, considerando suas memórias, formas de ensinar e experiências de resistência como referências para a construção do conhecimento.

É nessa perspectiva que se desenvolve o projeto “Quilombando: raízes ancestrais em espaços educativos”, vinculado ao Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência, na modalidade PIBID Equidade, na Universidade Estadual de Alagoas – UNEAL, com financiamento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Realizado em parceria com escolas municipais e quilombolas de Alagoas, o projeto reúne uma coordenação de área, três supervisoras e 24 bolsistas, distribuídos entre os polos de Arapiraca, Penedo e Matriz de Camaragibe. Suas ações articulam a inserção dos licenciandos no cotidiano escolar ao planejamento de práticas voltadas à valorização das raízes africanas e afro-brasileiras.

[1] Professora Titular do curso de Geografia da Universidade Estadual de Alagoas – UNEAL. Coordenadora do Núcleo de Estudos Interdisciplinares Sociedade e Educação – NEISE e do PIBID Equidade/CAPES/UNEAL, angela.leite@uneal.edu.br

ISSN: 2358-8829

O encontro entre universidade, escolas e comunidades constitui um espaço de formação compartilhada. Os bolsistas participam da rotina docente, acompanham os processos de aprendizagem e elaboram propostas em diálogo com as supervisoras e a coordenação de área. Ao mesmo tempo, as experiências escolares suscitam questões que retornam aos momentos de estudo e planejamento, aproximando a formação teórica dos desafios vividos na prática pedagógica. Nesse movimento, o trabalho com as relações étnico-raciais integra a aprendizagem da docência e a construção de responsabilidades diante das desigualdades.

Este artigo tem como objetivo apresentar e analisar as ações desenvolvidas no projeto “Quilombando: raízes ancestrais em espaços educativos”, discutindo suas contribuições para a valorização das raízes africanas e afro-brasileiras nos anos iniciais do Ensino Fundamental e para a formação inicial de professores. Busca-se compreender como as práticas pedagógicas antirracistas e decoloniais favorecem o reconhecimento da identidade cultural das crianças, em diálogo com os saberes ancestrais das comunidades envolvidas, e como essa experiência participa da formação dos bolsistas.

O trabalho assume uma abordagem qualitativa, apoiada na sistematização da experiência e na análise documental de relatórios produzidos por bolsistas, supervisoras e coordenação de área. Esses registros permitem aproximar diferentes olhares sobre as ações realizadas, os percursos de formação e as aprendizagens percebidas pelos participantes. A análise procura relacionar as práticas desenvolvidas aos sentidos atribuídos à valorização cultural, à educação antirracista e à iniciação à docência, considerando as particularidades dos contextos escolares envolvidos.

O percurso do projeto compreende reuniões presenciais e on-line, orientações, produção de diários de bordo, atuação junto às escolas parceiras, formação teórica sobre história da África e escrita acadêmica, oficinas pedagógicas e planejamento coletivo. Nas escolas, as propostas envolvem, cotidianamente, leitura e análise de contos africanos e afro-brasileiros, construção de murais, oficinas artísticas e atividades interdisciplinares. Somam-se a essas ações as exposições temáticas, a participação na FLIPenedo e as visitas à Serra da Barriga e aos Museus Afro e Indígena da UNEAL, ampliando os espaços educativos em que memória, resistência e ancestralidade podem ser discutidas.

As discussões do artigo se organizam em torno da valorização das referências culturais negras nas experiências escolares e das aprendizagens construídas pelos licenciandos no exercício da docência. As ações apontam contribuições para a aprendizagem e o reconhecimento identitário das crianças, assim como para a formação crítica e pedagógica dos bolsistas. Esses indicativos serão examinados a partir dos

registros, buscando compreender como se manifestam nas atividades e nas reflexões de quem participou do projeto.

A experiência permite considerar que a aproximação entre saberes ancestrais, práticas escolares e formação docente oferece caminhos para a construção de uma educação comprometida com a equidade racial. O “Quilombando” destaca, assim, a relevância do planejamento coletivo e do diálogo entre universidade, escolas e comunidades para sustentar práticas que reconheçam a presença negra como constitutiva dos conhecimentos e das relações que se constroem na escola.

METODOLOGIA: PERCURSOS PARTICIPATIVOS ENTRE ACOMPANHAMENTO, REGISTROS E FORMAÇÃO

Este trabalho adota uma abordagem qualitativa, com caráter participativo, articulando a sistematização das experiências desenvolvidas no projeto “Quilombando: raízes ancestrais em espaços educativos” à análise dos registros referentes a 2025 e ao período transcorrido até meados de 2026. O percurso metodológico compreende a leitura dos relatórios e o acompanhamento cotidiano das ações realizadas nos polos de Arapiraca, Matriz de Camaragibe e Penedo, em parceria com escolas municipais e quilombolas de Alagoas.

O corpus documental reúne os relatórios parciais de 2025 e os relatórios parciais elaborados até meados de 2026 por todos os bolsistas e supervisoras dos três polos. Integra também esse conjunto o relatório geral do projeto, encaminhado à coordenação institucional para compor o relatório destinado ao Avalia PIBID 2026, no Sistema de Monitoramento e Avaliação Integrada de Projetos Educacionais (Maipe). A leitura desses documentos permite aproximar os registros das experiências em cada escola da sistematização geral das ações, considerando as atividades desenvolvidas, os desafios relatados e as aprendizagens percebidas pelos participantes. Essa análise é articulada ao acompanhamento realizado nas reuniões, nos espaços de orientação e nas visitas às escolas parceiras.

O caráter participativo deste trabalho se expressa na construção coletiva das propostas, no diálogo entre os integrantes do projeto e na reflexão sobre as experiências vividas nas escolas. A autora participa desse processo por meio do acompanhamento e da orientação das atividades, aproximando a análise dos contextos em que as práticas pedagógicas são planejadas e desenvolvidas. Essa inserção exige atenção à distinção entre os objetivos pretendidos pelo projeto e as contribuições efetivamente identificadas nos registros e nas experiências acompanhadas.

A produção das informações ocorre em diferentes espaços e momentos do trabalho. Os relatórios constituem fontes documentais para a identificação das atividades realizadas, dos desafios encontrados e das aprendizagens percebidas pelos participantes. Sua leitura é articulada ao acompanhamento das reuniões presenciais e on-line, aos diálogos de orientação e às visitas às escolas parceiras. Desse modo, a sistematização reúne registros escritos e experiências de acompanhamento, buscando compreender as relações entre planejamento, prática pedagógica e formação docente.

A comunicação cotidiana também integra esse percurso, por meio de quatro grupos de WhatsApp: um geral, que reúne participantes dos três polos, e três específicos, correspondentes aos bolsistas que residem e atuam nos municípios de Arapiraca, Matriz de Camaragibe e Penedo. Esses espaços são utilizados para orientações, esclarecimento de dúvidas, compartilhamento de materiais e acompanhamento das propostas. As interações contribuem para a continuidade do diálogo entre os encontros e para a compreensão das particularidades de cada polo. Neste trabalho, são consideradas como parte do processo de acompanhamento, sem que isso implique sua utilização integral como corpus documental ou a reprodução de mensagens pessoais.

Integram ainda o percurso formativo os cursos realizados durante os períodos de recesso escolar, entre eles as formações sobre escrita acadêmica e uso de inteligência artificial na educação básica. Esses momentos ampliam as oportunidades de estudo, reflexão e elaboração dos registros, em articulação com as demandas identificadas no desenvolvimento do projeto. As visitas da coordenação de área às escolas parceiras complementam esse acompanhamento, favorecendo a aproximação com as equipes escolares e com as condições concretas de realização das atividades.

Para a sistematização do material, a leitura dos relatórios é orientada por três eixos: as práticas pedagógicas voltadas à valorização das raízes africanas e afro-brasileiras; as aprendizagens e os desafios da formação inicial docente; e a articulação entre universidade, escolas e comunidades. O cruzamento desses eixos com as experiências de acompanhamento permite examinar aproximações e particularidades entre os polos, preservando os contextos em que as ações foram desenvolvidas. Os relatos dos participantes são compreendidos como registros situados, que expressam percepções sobre a experiência e precisam ser considerados em relação às atividades descritas.

As imagens selecionadas para o artigo foram produzidas por todos/todas os/as integrantes do PIBID Equidade durante as ações e passaram a integrar o acervo do projeto. Sua utilização tem a finalidade de contextualizar e apoiar a análise das práticas

pedagógicas, com indicação da autoria ou da origem e do ano de produção nas legendas. Não há a inclusão de fotografias com pessoas identificáveis, especialmente crianças.

Na elaboração do texto, foi utilizado o ChatGPT como ferramenta auxiliar de organização das ideias e da estrutura da escrita. A definição dos argumentos, a interpretação dos registros, a análise das experiências e a revisão do conteúdo são de responsabilidade da autora, que assume integralmente a autoria e a responsabilidade intelectual pelo trabalho.

RAÍZES QUE GANHAM VIDA NA ESCOLA: PRÁTICAS ANTIRRACISTAS NOS ANOS INICIAIS

As práticas desenvolvidas no projeto “Quilombando: raízes ancestrais em espaços educativos” aproximam os conteúdos escolares das referências culturais africanas e afro-brasileiras e dos conhecimentos presentes nas comunidades envolvidas. Para esta discussão, foram selecionadas três experiências, uma de cada núcleo, considerando suas diferentes formas de articular linguagem, história e saberes locais. As atividades integram o trabalho pedagógico das professoras, com a colaboração dos bolsistas no planejamento, na preparação de materiais e no apoio às crianças, sob orientação e supervisão docente.

A análise dessas experiências dialoga com a pensadora negra Nilma Lino (Gomes, 2012), para quem o trabalho com a história e as culturas africanas e afro-brasileiras demanda mudanças nas representações e nas práticas curriculares. Nessa perspectiva, a inserção dessas referências ganha sentido quando participa da construção do conhecimento e permite interrogar quais histórias, experiências e formas de saber são reconhecidas na escola. A seguir, relatamos essas experiências.

Palavras que contam histórias: construção de um glossário em Arapiraca

Na Escola Municipal de Ensino Fundamental Voluntária Maria das Neves Barbosa Borges, o relatório geral de 2025 registra uma oficina de pintura envolvendo imagens de palavras afro, seguida da construção coletiva de um mural. Cada criança participou da escrita das palavras que compuseram o glossário, aproximando a atividade artística do exercício da escrita.

O procedimento reuniu dois momentos articulados: a produção visual e a organização das palavras em um suporte coletivo. Com o apoio das bolsistas e a orientação da professora, as produções individuais passaram a integrar um material compartilhado pela turma. O mural constituiu, assim, um registro do trabalho

desenvolvido e uma possibilidade de retomar as palavras em outras situações de aprendizagem.

A resposta documentada das crianças aparece na participação na escrita e na composição do glossário. Esse registro permite discutir o envolvimento na produção de um material coletivo e a presença de referências afro-brasileiras no ambiente da sala.

A experiência pode ser compreendida à luz da intelectual negra Petronilha Beatriz (Silva, 2007), que situa os processos de ensinar e aprender nas relações entre conhecimentos, identidades e contextos culturais. Nessa perspectiva, a construção do glossário oferece uma oportunidade de aproximar a aprendizagem da escrita do reconhecimento de referências africanas e afro-brasileiras. Seu sentido pedagógico pode ser ampliado pela exploração dos significados das palavras, de suas origens e de seus usos no cotidiano, permitindo que as crianças percebam a presença dessas referências na língua e nas experiências que compartilham.

Dandara dos Palmares: mulheres negras como referências históricas em Matriz de Camaragibe

No núcleo de Matriz de Camaragibe, o relatório da supervisora descreve uma atividade realizada em 21 de março de 2025, relacionada ao Dia Internacional da Mulher. A proposta utilizou um cartaz para apresentar Dandara dos Palmares como referência de luta pela liberdade de mulheres e homens negros, seguida de uma atividade sobre o tema.

A organização registrada compreendeu a apresentação do material visual, a abordagem da personagem histórica e a realização de uma tarefa pelas crianças. Na sistematização dessa experiência, a colaboração das bolsistas deve ser compreendida no âmbito do trabalho acompanhado pela professora responsável, preservando o caráter formativo de sua participação no PIBID.

Dandara dos Palmares ocupa um lugar significativo na memória da resistência negra, sendo lembrada como uma mulher vinculada à luta pela liberdade e à defesa de Palmares. Embora sua trajetória individual apresente lacunas documentais e seja também narrada pela tradição e pela literatura, sua presença constitui uma referência de resistência das mulheres negras. Sua abordagem na escola permite discutir tanto essa memória quanto os silenciamentos que atravessam a produção e a transmissão da história.

Ao discutirem a inserção de Dandara no ambiente escolar, as autoras Janaina e Helena (Caetano e Castro, 2020) destacam a importância de valorizar protagonistas

negras historicamente excluídas das narrativas ensinadas, relacionando essa presença à construção da identidade das crianças negras e ao reconhecimento da diversidade étnico-racial. À luz dessa reflexão, a escolha de Dandara na atividade desenvolvida em Matriz de Camaragibe aproxima a discussão sobre as mulheres das experiências de resistência negra. A guerreira oferece às crianças uma referência feminina associada à luta e à liberdade, ampliando as possibilidades de representação da população negra no currículo.

A contribuição pedagógica dessa escolha está na abertura de espaço para reconhecer mulheres negras como protagonistas das narrativas sobre resistência e transformação social. No contexto da atividade registrada, esse constitui um sentido possível da proposta; a compreensão de como as crianças se apropriaram dessa referência dependerá da análise de suas produções e dos registros de suas manifestações.

Saberes do território na sala de aula: as frutas da comunidade quilombola em Penedo

Na Escola Municipal de Educação Básica Santo Antônio, em Penedo, foi desenvolvida a atividade “As frutas existentes na comunidade quilombola”, articulando Língua Portuguesa e Ciências. Conforme o relatório geral de 2025, a proposta aproximou conteúdos escolares de questões relacionadas à alimentação saudável, à cultura e à identidade local.

O tema partiu de uma referência do território conhecido pelas crianças: as frutas existentes na comunidade quilombola. O procedimento descrito privilegiou o diálogo e a escuta, relacionando os conhecimentos locais aos conteúdos trabalhados em sala. A participação da bolsista ocorreu no apoio à proposta pedagógica, em articulação com a professora supervisora.

Diferentemente da experiência anterior, o relatório apresenta uma apreciação da participação dos estudantes, destacando seu envolvimento no diálogo e a valorização das tradições culturais da comunidade. Esses apontamentos constituem percepções registradas no acompanhamento da atividade, embora não venham acompanhados de transcrições de falas ou de exemplos das respostas individuais.

Os conhecimentos da comunidade passam a constituir referências para o estudo, criando oportunidades para que as crianças relacionem suas experiências aos temas escolares. A dimensão antirracista dessa aproximação está no reconhecimento da comunidade quilombola como espaço de produção de conhecimentos, cuja presença no currículo precisa ser acompanhada de contextualização histórica e valorização de seus modos de vida.

Essa aproximação entre currículo e território encontra apoio nas discussões de Creusa e Rosália (Trindade e Aragão, 2016), que discutem a necessidade de relacionar os conteúdos escolares aos saberes ancestrais e às experiências das comunidades quilombolas. À luz dessa perspectiva, a atividade sobre as frutas pode ser interpretada como uma oportunidade de reconhecer o território vivido pelas crianças como referência para a aprendizagem. Sua contribuição pedagógica se amplia quando os conhecimentos comunitários sobre os alimentos são acolhidos como parte do estudo e colocados em diálogo com os conteúdos de Ciências e Língua Portuguesa. Trata-se de reconhecer as pessoas da comunidade como produtoras e transmissoras de conhecimentos, valorizando sua presença na construção do currículo.

As três experiências apresentam caminhos distintos para inserir referências negras no cotidiano escolar: a produção coletiva de um glossário, a abordagem de uma mulher negra como referência histórica e o diálogo com conhecimentos de uma comunidade quilombola. Os registros permitem reconhecer escolhas pedagógicas e formas de participação das crianças, ao mesmo tempo que destacam a necessidade de documentar com maior precisão suas perguntas, produções e interpretações. Essa atenção aos registros fortalece a análise das contribuições das práticas e subsidia a continuidade do planejamento. Como destacam Trindade e Aragão (2016, p. 292), “a prática pedagógica necessita interrelacionar conteúdos curriculares e os saberes tradicionais dos alunos, para além de datas comemorativas”. Nessa direção, as experiências analisadas oferecem possibilidades para integrar as referências negras ao trabalho pedagógico ao longo do ano letivo.

SABERES EM CIRCULAÇÃO: EXPERIÊNCIAS FORMATIVAS E PUBLICAÇÕES EM ANAIS

A escrita e a socialização das experiências constituem parte do percurso formativo desenvolvido no projeto “Quilombando: raízes ancestrais em espaços educativos”. Ao retomar os registros das atividades e relacioná-los às leituras realizadas, os bolsistas, em diálogo com as supervisoras e a coordenação, refletem sobre o trabalho acompanhado nas escolas. A produção acadêmica permite organizar essas reflexões e compartilhá-las com outros professores, estudantes e pesquisadores.

O grupo participou de diversos eventos acadêmicos, em espaços institucionais e nacionais, nos quais apresentou trabalhos, compartilhou experiências e dialogou sobre educação antirracista e formação docente. As apresentações e exposições também deram visibilidade às ações do projeto e às produções construídas nas escolas parceiras.

Neste tópico, o recorte concentra-se nos trabalhos publicados nos anais do X Encontro Nacional das Licenciaturas e IX Seminário Nacional do PIBID. A discussão

considera os temas abordados, os procedimentos de sistematização das experiências e suas contribuições para a formação dos participantes. A elaboração dessas publicações exigiu selecionar registros, delimitar objetivos e examinar as práticas à luz da fundamentação teórica, aproximando a aprendizagem da docência da produção de conhecimentos sobre educação e relações étnico-raciais.

Quilombando saberes: sistematização de experiências decoloniais

O trabalho “Quilombando saberes: relato de experiências decoloniais no PIBID Equidade”, de Carla Gabriela do Nascimento Dias, Samily Islane da Silva, Jamili Bezerra de Freitas e Angela Maria Araújo Leite, sistematiza experiências desenvolvidas com uma turma do 4º ano de uma escola pública de Arapiraca. Seu objetivo é refletir sobre práticas voltadas à valorização das identidades negras e da ancestralidade africana e afro-brasileira.

Organizado como relato de experiência de abordagem qualitativa, o texto reúne observações, registros reflexivos e atividades realizadas no projeto. Entre os procedimentos apresentados estão rodas de conversa, recursos audiovisuais, contação de histórias, brincadeiras e produções coletivas. As autoras relatam interesse e participação das crianças e destacam o planejamento colaborativo e as trocas com a professora supervisora como dimensões relevantes da formação dos bolsistas.

Para a análise da produção científica do projeto, essa publicação representa um exercício de transformar vivências escolares em objeto de reflexão e comunicação acadêmica. Ao escrever sobre a experiência, as participantes retomam escolhas pedagógicas e discutem seus sentidos à luz da educação antirracista e da perspectiva decolonial.

Raízes ancestrais em espaços educativos: a cultura negra no currículo

A segunda publicação, “Raízes ancestrais em espaços educativos: inclusão da cultura negra no currículo”, de Silva et al. (2026), analisa experiências do PIBID Equidade em uma escola pública de Arapiraca. O estudo discute como os conteúdos e as práticas escolares podem contribuir para a valorização das identidades negras e o enfrentamento do racismo.

A pesquisa, de abordagem qualitativa, reúne observação participante, diários de bordo, produções escolares e rodas de conversa com estudantes e professores. As autoras identificam referências ainda associadas à escravização nas percepções iniciais relatadas pelas crianças e registram a ampliação de seu repertório sobre as contribuições culturais africanas e indígenas. Entre os docentes, aparecem relatos de

esforços para incorporar essas temáticas ao cotidiano, enquanto as observações apontam permanências de abordagens dependentes dos livros didáticos e de datas comemorativas.

A contribuição dessa publicação está também no exercício de escutar e confrontar diferentes percepções sobre a experiência escolar. Para a formação das bolsistas, sistematizar esses registros possibilitou discutir as relações entre planejamento, currículo e educação antirracista, considerando avanços e dificuldades.

RAÍZES CULTIVADAS, CAMINHOS EM CONSTRUÇÃO: CONSIDERAÇÕES FINAIS

As experiências analisadas permitem reconhecer a importância do projeto "Quilombando: raízes ancestrais em espaços educativos" na aproximação entre universidade, escolas e comunidades, articulando a formação inicial de professores à valorização dos conhecimentos africanos e afro-brasileiros. O acompanhamento das professoras supervisoras e da coordenação possibilitou aos bolsistas participar do planejamento e apoiar práticas pedagógicas comprometidas com a educação antirracista, aprendendo com os desafios e as possibilidades do cotidiano escolar.

A construção do glossário, a abordagem de Dandara dos Palmares e o trabalho com os saberes da comunidade quilombola mostram diferentes caminhos para inserir referências negras nas experiências de aprendizagem das crianças. Nessas propostas, a linguagem, a história e os conhecimentos locais encontram espaço para ser estudados e compartilhados. Os registros apontam participação dos estudantes, embora apresentem diferentes níveis de detalhamento sobre suas respostas e aprendizagens. Esse limite reforça a necessidade de acompanhar e documentar o processo, reunindo perguntas, produções e interpretações que ajudem a compreender as contribuições das atividades.

O percurso também alcançou a produção acadêmica. A escrita dos trabalhos publicados em anais exigiu retomar as vivências, organizar os registros e discutir as escolhas pedagógicas. Para os bolsistas, esse movimento ampliou as oportunidades de refletir sobre a formação e de compartilhar conhecimentos construídos na relação com as escolas. As publicações constituem, assim, uma forma de dar continuidade às experiências, colocando-as em diálogo com outros educadores e pesquisadores.

Permanece o desafio de assegurar que os conhecimentos africanos e afro-brasileiros ocupem os espaços escolares de maneira contínua. Sua presença precisa atravessar o planejamento, os materiais didáticos, a biblioteca, as atividades e as relações cotidianas. Isso envolve conhecer histórias de resistência e trajetórias negras, reconhecer contribuições científicas, artísticas e culturais e acolher os saberes das

comunidades como referências para o estudo. Exige, igualmente, enfrentar situações de discriminação e discutir as desigualdades que ainda marcam a vida das crianças e de suas famílias.

A continuidade desse trabalho depende de condições coletivas: formação docente, tempo para planejamento, acesso a materiais e diálogo com as comunidades. O PIBID Equidade contribui para essa construção ao criar oportunidades de estudo e colaboração entre professores em exercício e futuros docentes. Seu alcance pode ser ampliado quando as experiências desenvolvidas passam a integrar os compromissos pedagógicos da escola e encontram apoio para permanecer e se aprofundar.

Cultivar essas raízes é assumir uma responsabilidade com o presente das crianças. É permitir que elas encontrem, no que leem, escrevem, perguntam e aprendem, a presença negra como parte da produção do conhecimento e da vida social. O "Quilombando" participa desse caminho ao abrir espaços de escuta, aprendizagem e reconhecimento. Sustentar esses espaços ao longo do tempo é o compromisso que a experiência deixa para a escola, para a universidade e para a formação de professores.

Palavras-chave: Educação antirracista, Saberes ancestrais, Cultura afro-brasileira, Formação docente, PIBID Equidade.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo financiamento das bolsas do PIBID Equidade, e à Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL), pelo apoio institucional ao desenvolvimento do projeto.

REFERÊNCIAS

CAETANO, Janaína Oliveira; CASTRO, Helena Carla. Dandara dos Palmares: uma proposta para introduzir uma heroína negra no ambiente escolar. **Revista Eletrônica História em Reflexão**, Dourados, v. 14, n. 27, p. 153–179, 2020. DOI: 10.30612/rehr.v14i27.12106.

DIAS, Carla Gabriela do Nascimento; SILVA, Samily Islane da; FREITAS, Jamili Bezerra de; LEITE, Angela Maria Araújo. Quilombando saberes: relato de experiências decoloniais no PIBID Equidade. In: ENCONTRO NACIONAL DAS LICENCIATURAS, 10.; SEMINÁRIO NACIONAL DO PIBID, 9., 2025. **Anais** *[...]*. Realize Editora, 2026. Disponível em: https://editorarealize.com.br/index.php/artigo/visualizar/141828. Acesso em: 23 ago. 2026

GOMES, Nilma Lino. Relações étnico-raciais, educação e descolonização dos currículos. **Currículo sem Fronteiras**, v. 12, n. 1, p. 98–109, jan./abr. 2012.

SILVA, Samily Islane da; SANTOS, Maria Aparecida Nogueira dos; DIAS, Carla Gabriela do Nascimento; FREITAS, Jamili Bezerra de; LEITE, Angela Maria Araújo. Raízes ancestrais em espaços educativos: inclusão da cultura negra no currículo. In: ENCONTRO NACIONAL DAS LICENCIATURAS, 10.; SEMINÁRIO NACIONAL DO PIBID, 9., 2025. **Anais** *[...]*. Realize Editora, 2026. Disponível em: https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/141119. Acesso em: 23 out. 2026.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. Aprender, ensinar e relações étnico-raciais no Brasil. **Educação**, Porto Alegre, v. 30, n. 3, p. 489–506, set./dez. 2007.

TRINDADE, Creusa Barbosa dos Santos; ARAGÃO, Rosália Maria Ribeiro. Educação escolar quilombola: interfaces, travessias e fronteiras da prática da pedagógica. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, v. 8, n. 18, p. 280–295, nov. 2015–fev. 2016.